

A naturalização da cultura

Roque Spencer Maciel de Barros

Em recente artigo publicado nesta folha, Marcel Domingos Solimeo perguntava o que é realmente – em matéria de necessidades e consumo – *essencial* e o que é *superfluo*, mostrando que a diferença não é um dado absoluto, mas varia conforme a escala de valores e preferências individuais: assim, neste nosso mundo *imagístico*, a televisão, de modo geral, acaba sendo concebida como muito mais essencial do que tantos outros bens que, numa hipotética escala racional mais “objetiva”, seriam muito mais importantes. Mas não é propriamente desse aspecto que queremos tratar, enveredando, como no excelente artigo que evocamos, por problemas de ordem econômica: daí, aliás, o título deste artigo, “A naturalização da cultura”.

É bem conhecida a classificação popperiana dos três mundos: o da natureza bruta, o psicológico e o “mundo 3”, ou seja, o que já se chamou de “objetivação do espírito”, “espírito objetivo” (num sentido mais amplo que o hegeliano) ou, melhor mesmo, cultura. E a cultura, criação coletiva do homem, desde o ente humano arcaico, mas dotado daquela “innere Sprache” de que falava Humboldt – ou da capacidade inata da fala, segundo a mais do que verossimilhante teoria de Chomsky, humboldtiana no espírito e concordante com as conclusões etológicas de Karl Lorenz, bem como caracterizado pelo andar ereto e pelo uso de instrumentos, acaba por se imiscuir na natu-

reza, de forma a *apagar*, de certo modo, a clara distinção originária entre o mundo 1 e o mundo 3 da terminologia popperiana.

O homem como que se apropria da natureza, da qual, de resto, faz parte, embora transcendendo-a (ele é o ser transcendente na imanência) por intermédio da linguagem e da técnica. Sua relação com o mundo – que é, de certa forma, *imediate* no animal – se torna *mediata*: para ele o mundo e a natureza não são um mero dado, mas uma *construção*. É esse caráter de construção, de criação, aliás, que alimenta as interrogações epistemológicas, cuja solução, em últi-

Mas, sem pretender, de forma alguma, entrar nessa discussão sem fim, nessa verdadeira “crux metaphysica” (por mais que se proclame a morte da metafísica), o que queremos acentuar é essa contínua transformação da natureza pela cultura, essa “naturalização da cultura” que oferece um fascinante tema de estudos para historiadores e sociólogos voltados para o problema das gerações.

O que era a *natureza*, para uma geração, parece não ser mais a mesma coisa para gerações sucessivas, em face dos avanços, cada vez mais acelerados, da cul-

O MUNDO DA ELETRÔNICA FAZ PARTE DA “NATUREZA”, TAL COMO A VÊM A CRIANÇA E O JOVEM DOS NOSSOS TEMPOS

ma instância, ultrapassa as teorias dos filósofos e dos cientistas, no seu afã de entender e explicar. Afinal, a natureza, a “realidade física”, tem uma *existência em si*, que a teoria física procura desvendar – ambição ontológica de um Einstein – ou toda afirmação sobre a existência em si é algo de *abusivo*, como queria Niels-Bohr? (Confira o leitor, acerca deste e de outros problemas, o interessantíssimo livro *Do Caos à Inteligência Artificial*, tradução publicada pela Unesp, 1993, reunindo entrevistas de grandes cientistas e epistemólogos atuais, em particular, no caso, a do físico Bernard D’Espagnat).

tura e da técnica que dela depende (ou que ela engloba, se preferirem). O mundo da eletrônica, por exemplo, faz parte da “natureza”, tal como a vêem a criança e o jovem dos nossos tempos, nascidos em um mundo que já não é mais o *nosso*, os que atingimos a “terceira idade” e o trazemos na memória com uma inegável saudade. O mundo dos filhos e dos netos, especialmente destes, ao qual se ajustam naturalmente, tem, para os mais velhos, algo de “ficção científica”: sente-se-o, claramente, como algo de algum modo estranho, enquanto para os novos ele é naturalíssi-

mo. Entre os mais velhos, uns se adaptam melhor, embora com a plena consciência de que não são mais, propriamente falando, desse “admirável mundo novo”; outros se adaptam pior ou simplesmente não se adaptam. No máximo, *usam* o mundo novo, mas não fazem parte dele, não são filhos dele.

Sentem o que se perdeu, seja em termos de simplicidade ou, noutra esfera, o que se vai perdendo em relação ao pleno reinado do *logos*, substituído por algo que, se não é o seu oposto, é, no mínimo, algo diverso, ao mesmo tempo que percebem o que se ganhou, passando de um mundo mais idílico, mas muito mais precário em termos de tecnologia e de conforto, para um universo novo, mais rico e com imensas possibilidades em tantos campos (por exemplo, na medicina). Isso sem entrar em análises valorativas, que a nada nos levariam se queremos apenas falar da “naturalização da cultura”, “da tomada do mundo 1 pelo mundo 3”.

Só que algo da remota natureza persiste – e como diria Hobbes, o homem ainda é tanto o lobo do homem como um deus para o homem, com seus desejos, suas paixões, sonhos, ilusões e desilusões, generosidades e mesquinharias.

Roque Spencer Maciel de Barros
é autor de “Razão e Racionalidade”